

A POESIA NA AÇÃO POÉTICA DE ESCRITA DE CARTAS

Tina Zani¹

Resumo: A correspondência pessoal manuscrita é a materialização metafórica de sentimentos. Sua significância extrapola as palavras no papel para acessar o abstrato, os lugares *extra-ordinários*, não traduzíveis, não triviais. A epístola sobrevive graciosa e poeticamente ao tempo e ao advento das mensagens instantâneas e mídias sociais. Nos dias de hoje, receber uma carta não comercial é receber um carinho; o destinatário, inesperadamente, se surpreende ao ter em mãos a concretização de um pensamento. A ação poética em questão neste artigo envolveu a escrita de cartas para desconhecidos, a partir de um encontro com a poesia dentro de si mesmo. As cartas foram, *a posteriori*, entregues e lidas para moradores de uma casa de repouso da cidade de Campinas/SP.

Palavras-chave: poesia; carta; literatura.

Jean-Pierre Néraudau, em sua introdução às *Heróides* de Ovídio, realça o papel da carta no preenchimento da solidão e da saudade.

A linguagem da paixão trai a paixão da linguagem e substitui o corpo ausente por um corpo de palavras [...] e esse novo corpo, que se exprime com uma prolixidade liberada dos constrangimentos morais e sociais, embriaga-se com sua liberdade de falar e com o amor do amor.²

Embora Néraudau se referisse especificamente às cartas de amor, são qualidades dessa natureza que continuam mantendo viva a troca de correspondência pessoal e abarcando uma legião de apaixonados pela epístola.

Tal como aconteceu ao livro impresso apesar da chegada dos *ebooks*, ou ao *LP* com o advento dos *CDs*, a carta sobrevive no tempo da comunicação digital de forma ainda mais graciosa e exclusiva.

Oficialmente, uma carta é um manuscrito, ou impresso, destinado a estabelecer uma comunicação interpessoal. No Brasil, os serviços postais a definem segundo a Lei 6538, de 1978, como um

objeto de correspondência, com ou sem envoltório, sob a forma de comunicação escrita, de natureza administrativa, social, comercial, ou qualquer outra, que contenha informação de interesse específico do destinatário.

É uma descrição bastante fria, considerando a sua importância na cultura e na vida das pessoas, ao menos até pouco tempo atrás.

A carta foi a principal forma de correspondência à distância desde a invenção da escrita até o final do século XX, quando se popularizaram a telefonia e o *e-mail*. Curiosamente, já que no passado o selo não existia, aquele que pagava a postagem era o destinatário. No entanto, quem tinha em mãos uma carta pessoal certamente não se queixava desse pagamento considerando o que recebia em troca, ou seja, o contato com alguém distante.

¹ Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. E-mail: mtina.zani@gamil.com.

² Ovídio, p. 40.

Mas tal correspondência não precisa ser trocada apenas na distância e pode tornar-se ainda mais encantadora quando remetente e destinatário se encontram próximos um do outro. Quantas vezes não escrevemos as coisas que não queremos ou não conseguimos falar?

Como gênero textual, a carta tende a seguir uma estrutura fixa, normalmente compondo-se de local, data, destinatário, saudação, corpo, despedida e assinatura.

Uma vez vista como um gênero literário, passa a ser uma forma de escrita que independe de um receptor e, nesse formato, lembra um diálogo imaginário: não é enviada nem respondida por terceiros, mas sim, e quando sim, pelo próprio autor. Escritores – desde Ovídio, na Roma antiga, à Ana Cristina Cesar, no Brasil contemporâneo – escreveram correspondências fictícias que foram reunidas em livros. Ovídio, em suas *Heróides*, escreveu cartas de amor de personagens famosos na literatura universal para seus pares – em versos –, como também fizeram Catulo e Propércio.

Com o avanço da tecnologia, a carta perdeu espaço para o *e-mail* e as mensagens instantâneas. No entanto, essas formas de comunicação não têm o mesmo charme. Cabe pensar por quê.

A correspondência pessoal manuscrita, especialmente utilizada na comunicação com amigos, namorados, parentes ou cônjuges, menos formal que a oficial e comercial, não segue modelos prontos. Utiliza-se da linguagem coloquial e pode vir incrementada com aditivos de criatividade do remetente. Escrever cartas é escrever-se. Muito além de simplesmente encurtar distâncias físicas, pode ser a formulação de pensamentos ou a expressão de sentimentos e emoções que não puderam ser verbalizados por motivos diversos, como o profundo desejo de ver materializado o abstrato.

Diferentemente da comunicação digital, a carta em papel é um objeto que pode ser apalado, cheirado, beijado e carregado no bolso. Há dois anos, havia na caixa de correios de casa um envelope endereçado a mim, enviado por uma pessoa que eu não conhecia. Dentro do envelope, uma foto na qual eu estava junto a meu filho e que tinha sido enviada por uma amiga dele. Ela também não me conhecia, mas se deu ao trabalho de pensar em mim e materializar seu pensamento; não era exatamente uma carta, mas trouxe consigo a presença abstrata de alguém e a intenção de estabelecer uma aproximação – além de inestimável valor imaterial. Tornar-se um objeto que suscitará lembranças no futuro é uma qualidade intrínseca da carta manuscrita, já que foi redigida pelas mãos que tocaram fisicamente o papel e seguraram a caneta. Ela carrega resíduos do corpo do outro, como se o hálito e o calor do remetente tivessem sido dobrados, envelopados, selados e enviados junto com o papel.

A experiência de trazer a escrita de cartas para o COLE nasceu do que colhi com o Ponto Poema³, projeto que, entre outras manifestações artísticas, trabalhou com a epístula.

A vivência *A carta - uma faísca de vida dobrada e envelopada* se desenvolveu a partir da leitura do texto *Uma carta*⁴, e de estímulos e provocações literárias. Motivados por essa introdução, os participantes mergulharam em um instante, em uma brecha no tempo, em um momento suspenso no ar para escrever *palivrinhas*, botar bolhinhas no papel, inventar poesias, desenhar pensamentos, soletrar sorrisos, guardar no envelope e enfeitar o dia de alguém que, intencionalmente, eles não conheciam – a proposta da ação era a troca de correspondência entre desconhecidos.

Conforme cada um finalizava seu texto, pendurávamos as produções em um varal de barbante, de maneira que todos pudessem ler o que o outro escreveu. Foram muitos os testemunhos emocionados dos escritores enquanto registravam suas palavras na folha em branco e, mais tarde, nas mídias sociais – ao verem as imagens e os depoimentos do dia em que

³ Projeto viabilizado pelo Programa Aluno-Artista 2017 do SAE – Serviço de Apoio ao Estudante da Unicamp – com participação de Nicholas Zani e Júlia Moretzsohn. Envolveu literatura e artes plásticas. Na *web*, visite <https://www.facebook.com/ptopoema/>.

⁴ Disponível em: <https://nuasobalua.net/2016/03/17/uma-carta/>. Último acesso em: 20/09/2018.

os destinatários receberam as mensagens. Alguns participantes eram professores, vários de outros estados, e muitos viram na experiência bons motivos para iniciarem seus próprios projetos de troca de cartas com alunos, como um fomento à comunicação e ao desenvolvimento da elaboração e da escrita textual.

Os textos produzidos na ação poética do Cole foram, posteriormente, endereçados aos hóspedes da Reviva Senior's Residence, casa de repouso situada no bairro Taquaral, em Campinas/SP.

Cada morador da Reviva recebeu uma carta, entregue em mãos por outro grupo de pessoas – entre adultos, adolescentes e crianças –, que as leram em voz alta para seus destinatários, num momento muito especial de carinho e atenção, conforme bem descreveu Nicole⁵,

foi incrível fazer parte do projeto, ler as cartas para as pessoas e ver como seus rostos se iluminavam enquanto a gente falava o que tinham escrito para eles. Acho que todos adoramos que escrevam alguma coisa para nós. Nos sentimos especiais e felizes que alguém tenha lembrado da gente e feito isso com tanto carinho. Naquele dia, quando lemos, foi o mesmo sentimento. A alegria dos idosos contagiou a todos nós.

Assim, três grupos diferentes se envolveram na ação poética: os remetentes, que participaram da vivência no Cole e escreveram os textos; os destinatários – moradores da Reviva, que receberam as cartas; e os mensageiros, que levaram e leram as correspondências para os idosos.

Nas palavras de Sandra Murawski⁶,

foi uma experiência incrível de interação entre três grupos de pessoas desconhecidas entre si, que se ofereceram para a idealizar um projeto lindo: o escritor expôs seus sentimentos na carta feita à mão, que foi lida por uma segunda pessoa, esta desconhecida do escritor e do ouvidor e que emprestou sua voz para que o destinatário pudesse 'ouvir' a carta, a qual não necessariamente era de amor, mas que, de alguma forma, levou muito amor. Para mim foi uma troca, ofereci meu tempo e minha voz e recebi vida, carinho e amizade.

Referências

CARROLL, Lewis. *Cartas às suas amiguinhas*. Trad. e notas de Newton Paulo Teixeira dos Santos. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREIRE, Clarice. *Pó de lua*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

KLEON, Austin. *Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

KLEON, Austin. *Show your work: 10 ways to share your creativity and get discovered*. New York: Workman Publishing Co. Inc., 2014.

⁵ Nicole Balbi A. de Camargo tem quinze anos, é de São Paulo/SP e fez parte do grupo de mensageiros.

⁶ Sandra Murawski fez parte do grupo de mensageiros. Residente nos EUA e em férias no Brasil na ocasião, ela mantém a troca de cartas com D. Cida, a destinatária para quem emprestou sua voz.

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

OVÍDIO. *Cartas de amor: as heróides*. Trad. Dunia Marinho Silvia. São Paulo: Landy, 2003.

TROCHE, Gervásio. *Desenhos invisíveis*. São Paulo: Lote 42, 2014.

TROCHE, Gervásio. *Bagagem*. São Paulo: Lote 42, 2016.